

Roteirizar e Imaginar no Cinema: *Pelos Olhos do Roteirista*¹

Edem Ortegal da SILVA JUNIOR²

Carlos Cipriano GOMES JUNIOR³

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás.

RESUMO

O presente artigo propõe expor as etapas da criação de um roteiro cinematográfico para curta-metragem. O roteiro apresentado nessa análise, “Pelos Olhos do Roteirista”, apresenta uma história sobre o crescimento de um jovem cinéfilo que, aos poucos, se torna um roteirista e cineasta, tomando o cinema pra si como o elemento mais fantástico e importante de sua vida. O cinema é apresentado como um elemento de construção de uma personalidade e chave para a descoberta de um talento ainda em estado inicial durante uma época em que a repressão atingiu os intelectuais e artistas do Brasil.

Palavras - chave: cinema; fantasia, imaginação, infância, roteiro.

INTRODUÇÃO

1. História dos roteiros

Se observarmos a estruturação dos roteiros cinematográficos, notaremos que as suas peças são arquitetadas de maneira igual ou bastante semelhante aos roteiros das peças de teatro inventadas pelos clássicos gregos. Uma das divisões de roteiro foi criada pelo norte-americano Syd Field, cujo seu estudo pelo “Manual do roteiro” apresenta as três etapas comuns dos roteiros de muitos produtos audiovisuais (principalmente os filmes): a apresentação (o ato 1), a confrontação (o ato 2) e a resolução (o ato 3). Contudo, essa estrutura clássica, que pode deixar o grande *turning point* (a grande virada da história, trama) para o fim do filme, já foi por diversas vezes modificada em roteiros mais complexos e ou imaginativos, ousados.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria: Cinema e Audiovisual; Modalidade: Roteiro.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação: Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), email: edem_ortega@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Carlos Cipriano Gomes Junior, docente das disciplinas de Som 2, Produção 3 e Direção do curso de Comunicação Social – Habilitação: Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG); Graduado em Comunicação Social – Habilitação: Rádio e TV pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Cinema pela Skópos Escola de Cinema / Faculdade Cambury; email: carlos.cipriano@bol.com.br.

DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO

2. Apresentação da História

O roteiro anexado a esse trabalho, “Pelos Olhos do Roteirista”, é uma história dramática e de fantasia que apresenta João, um jovem garoto que – na ausência do pai, cineasta e roteirista – vai se apaixonando e descobrindo a sétima arte. O roteiro mostra a infância de João, a sua fase adulta como um eloquente roteirista e sua velhice como projetorista em um velho cinema da cidade.

2.1 Contexto Histórico

A história do roteiro se passa durante os anos de chumbo da Ditadura Militar. A trama acontece na cidade de Goiânia na época (1969-1974) do Presidente militar Emílio Médici, cujo governo foi marcado pelo crescimento econômico (chamado de “o milagre brasileiro”) e pela repressão às manifestações populares de esquerda rurais e urbanas. Apesar do roteiro ser contextualizado na década de 70 - marcada também pela tortura, morte e desaparecimentos de presos políticos, comunistas e intelectuais -, não há a presença direta do regime dentro da história, uma vez que a avó de João tenta esconder de seu neto o triste destino do seu pai.

3. Os Personagens

Os personagens que constroem a história e suas respectivas características físicas e psicológicas são:

- **João – Fase Um - Infância:** É filho de um cineasta e roteirista. Tem dez anos de idade. É inteligente, esperto e sensível. Gosta de cinema e possui vários brinquedos. Tem a imaginação muito fértil. Na ausência do pai, ele vai se apaixonando cada vez mais por cinema e faz um filme com um pequeno roteiro deixado pelo pai. João ainda tenta entender a tristeza de sua Avó. Personagem responsável pela descoberta do “escrever e fazer filme”.

- **João – Fase Dois - Adulto:** João é um cineasta e, principalmente, um roteirista. Tem trinta anos de idade. Apaixonado por cinema. Tem uma imaginação absurdamente fértil. É muito reflexivo e inteligente. Sensível e sincero. Na história, reflete sobre o roteiro que está criando e mata sua personagem principal, Tereza. Conversa com ela e tenta não magoá-la por essa decisão. João tem os escritores brasileiros Clarice Lispector e Machado de Assis como inspirações na arte de escrever.
- **João – Fase Três – Velhice:** É um projetorista. Tem sessenta anos de idade. É saudosista. Apaixonado por cinema e por Aninha, sua esposa. Ao projetar um filme, ele começa a se lembrar de quando era um garoto descobrindo o cinema e um jovem homem viajando na arte de criar roteiros.
- **A Avó:** Triste e depressiva devido à perda do filho (o pai de João). Ela guarda uma mágoa: não ter abraçado o filho quando ele saiu de casa e não ter lutado mais para que ele ficasse. Ela não agüenta essa dor e sem enforca no banheiro de casa. Acha que perdeu o filho para o cinema.
- **Aninha – Fase Um – Infância:** É a vizinha e melhor amiga de João. Tem dez anos de idade. É uma garotinha doce e triste. Cabelos negros e curtos. Filha de dois roteiristas. Sente saudade do pai e busca a companhia de João quando a mãe desaparece. Ela ajuda João a fazer um filme com o roteiro escrito por seus pais.
- **Aninha – Fase Dois – Velhice:** O grande amor de João. Tem sessenta anos de idade. É uma senhora de cabelos negros e curtos. Aparece nas últimas cenas do roteiro. Esposa de João. É alegre e apaixonada por ele. Essa personagem ajudar a compor o amor que João tem pelo cinema. A última cena do roteiro (a dança) mostra o quanto Aninha e João ainda são apaixonados e remete ao filme que eles gravaram ainda crianças.

- **Pai de João:** Homem alto, magro e barbudo. Tem trinta anos de idade. Cineasta e Roteirista. É apaixonado por cinema e enfrenta sua mãe ao abandonar a casa para finalizar um filme, mesmo que o mesmo seja uma afronta para o governo durante a Ditadura Militar. Explosivo. Corajoso. Morre torturado durante o regime militar.
- **Tereza:** Personagem fantástico criado pela mente de João, quando roteirista profissional. É a musa do seu roteiro. Nos devaneios dele, Tereza tenta convencê-lo a deixá-la viva até o final do roteiro. Sente um pouco de inveja das outras personagens que vivem até o final da história. É loira, delicada, mas muito sexy. Apaixonada pelo seu criador, João. Tem a aparência de uma atriz de cinema da década de 50 em Hollywood. Essa personagem tem fundamental importância no roteiro, pois suas cenas representam a metalinguagem e a carga de fantasia da história.

4. Etapas do Roteiro

A primeira etapa desse roteiro aconteceu devido a imaginação do seu criador e resultou em uma ideia simples que foi transformada ao longo dos cinco tratamentos que o roteiro recebeu. Além dos processos criativos, houve uma pesquisa histórica para contextualizar a trama, os detalhes de cena citados no roteiro e seus personagens (características físicas e psicológicas). Consideramos que o filme é um curta-metragem de até vinte minutos, mostramos as seguintes fases que um roteiro cinematográfico pode receber ao longo de sua criação:

- **A sinopse** é o resumo do argumento. Uma breve ideia geral da história.
- **O argumento** é um resumo de até três páginas que se tornará o roteiro final. Podemos sugerir diálogos. O argumento representa cerca de 20% do valor do roteiro.

- **A escaleta** é uma lista de sequências do filme, já na ordem que aparecerão no filme. O roteirista faz uma espécie de “varal” e organiza as sequências com o objetivo de testar o ritmo do filme e encontrar o melhor resultado possível para o último tratamento.

Os tratamentos são feitos para aprimoramentos dos diálogos e possíveis mudanças na história que podem variar da mais simples a mais radical. Esse roteiro recebeu cinco tratamentos, cujas principais mudanças foram nos diálogos e no cuidado ao elaborar as cenas dramáticas e de fantasia. O objetivo desses cinco tratamentos foi deixar a história mais sensível e homenagear o cinema e a arte de escrever. SYD FIELD diz que o roteiro é:

Uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática. O roteiro é como um substantivo — é sobre uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo sua "coisa". Todos os roteiros cumprem essa premissa básica. A pessoa é o personagem, e viver sua coisa é a ação. (FIELD, 2001, p.11).

5. Os três Atos da história

O roteiro do curta-metragem foi dividido em três atos – cada um com uma média de seis minutos dentro do tempo total do filme - que servem também como uma ligação com as etapas de produção de um filme (roteirizar, pré-produzir, produzir, finalizar) e desconstrução de alguns personagens e crescimento de outros:

- **O roteiro:** a primeira parte começa logo após o título do filme e dos créditos iniciais. Esse ato se concentra em apresentar, inicialmente, o jovem João que busca compreender onde está o seu pai e relembra aos poucos momentos em que ele e o pai conversavam sobre o cinema. Ao mesmo tempo que o protagonista procura saber onde está o pai, vai buscando compreender a tristeza da avó, que resultará na parte principal do segundo ato. O primeiro ato é chamado de “O Roteiro” porque João e Aninha resolvem brincar de fazer filmes e escolhem o roteiro “A Última Dança” (escrito pelos pais da garota) para a realização de um pequeno filme. Há também nessa parte da trama o início da história do João adulto (o roteirista), que aparece na cena onde acontece a ligação da realidade com o mundo fantástico da mente de João – que é representado pela sua personagem de roteiro, Tereza. Ao longo dos outros dois atos fica evidente que Tereza é “apenas” uma personagem da

mente criativa de João. O fim do primeiro ato é marcado com uma *voz off* de João, que diz: “*Roteiristas são pintores de emoções*”.

- **A corda:** o segundo ato é dividido entre a “pré-produção” (precária e vista pelos olhos inexperientes de uma criança) do filme do jovem João, o suicídio da avó e a conversa do João adulto (o roteirista) com sua personagem. Nessa parte é válido destacar a total quebra da realidade pela fantasia presentes nas cenas:
 1. **Cena 13:** que mostra quando o jovem João conversa com um brinquedo (o boneco militar *Falcon*). A imaginação tão forte do protagonista chega ao ponto de fazê-lo conversar com um brinquedo, um traço típico que podemos notar no comportamento de muitas crianças com a criatividade muito avançada.
 2. **Cena: 17:** que apresenta a Avó de João se matando no banheiro. A cena quebra totalmente a realidade e se utiliza da metáfora para mostra algo tão delicado quanto um suicídio: as páginas (páginas de roteiros) que caem sobre a mulher no banheiro significam a perda da do filho para o cinema, e a corda significa a escolha pela morte (suicídio).
 3. **Cena: 18:** que mostra quando João adulto (o roteirista) conversa com uma personagem da própria mente. Essa cena entregará ao público do filme o que pode se passar dentro da imaginação de um roteirista durante o processo de criação de um roteiro
- **A ação!:** no terceiro e último ato são mostradas as cenas cuja a “ação” (produção de um filme) é efetivada. O desfecho do roteiro se concentra também em homenagear o cinema e a arte de escrever, e elevar o relacionamento amoroso do casal protagonista do filme.

6. O produto final: o roteiro e seu curta-metragem.

O produto final é um roteiro dramático e fantástico feito para o formato de um curta-metragem de até 20 minutos. Por meio da adaptação desse roteiro (em anexo), a obra

cinematográfica resultante seria um filme de drama e fantasia, com cinematografia preto e branca e trilha sonora dramática – características sugeridas pelo roteirista, porém escolhidas pelo diretor do curta final e outros departamentos importantes como direção de arte e direção de fotografia.

ANÁLISE SEMIÓTICA DO ROTEIRO

7. As cenas e suas metáforas

A análise semiótica a seguir foi feita seguindo a ordem cronológica do roteiro e apresenta as principais cenas em que relevantes signos são mostrados. Essa análise tem como objetivo enriquecer a pesquisa e construção do roteiro.

Cena 11

Nessa cena o roteirista olha para as suas personagens e decide o que vai fazer com o seu destino na história. Encontramos dois signos importantes:

- **A faca:** é um **índice de violência**. Nessa cena a faca ainda não é utilizada de fato, mas mesmo assim o sangue resultado de um corte estará presente na próxima cena do roteirista.
- **A pena:** nessa cena ela ainda não é mostrada (apenas citada), porém entenderemos o seu significado e a sua ligação com a faca.

Cena 13

Nessa cena o pequeno João lê um roteiro e começa a pensar em algo. Há um corte seco e a próxima cena mostra um casal que veste roupas de reis dança valsa no jardim dos fundos da casa. Há um unicórnio atrás do casal.

- **O unicórnio:** Nesse roteiro, o unicórnio é um **símbolo de nascimento, de pureza e paz e índice de transformação**, e a partir dessa cena começa a nascer um cineasta. O garoto deixa de ser um mero cinéfilo. A paixão pelo cinema começa a aflorar quando ele decide fazer o filme de um roteiro escrito pelo pai.

Cena 17

Nessa delicada cena, a avó de João suicida. Existem várias formas de retratar no cinema algo tão delicado como o suicídio. Escolhemos evitar a imagem forte de alguém se matando e a opção foi substituir a realidade por algo metafórico: a senhora, ao invés de se enforcar literalmente com uma corda, apenas segura a mesma para representar a escolha pela morte. Ainda nessa cena, há uma chuva de páginas de roteiros sobre a avó: representação da angústia da mãe quando perdeu o seu filho – que saiu de casa para finalizar um filme que poderia ser considerado comunista - para o cinema. Os signos:

- **A corda (em laço): índice de morte.**
- **A máquina de escrever: símbolo de um escritor (roteirista) e índice de algo que será escrito** (a morte da avó). As páginas de roteiros que caem na chuva ainda podem ser consideradas uma representação do roteirista João e essa cena ainda serve como uma geradora de dúvida na cabeça do espectador: todo esse filme é uma história “real” ou um roteiro da mente criativa de João?

Cena 18

Nessa cena - a mais fantástica do roteiro - Tereza, a heroína do roteiro de João, mostra sua mágoa por ter sido morta pelo seu criador. É uma cena metalinguística (roteiro e cinema). A pena descrita na cena 11 é efetivamente mostrada. Os signos:

- **A pena suja de sangue:** pode ser considerada um **símbolo de escritor**, porém, consideramos que nessa história ela pode ser um **índice e um símbolo de morte**: nós roteiristas sabemos que somos os responsáveis pelo destino de nossas personagens no roteiro. A pena é uma metáfora da faca – arma branca que foi apresentada na cena 11. A substituição da faca pela pena suja de sangue é uma quebra de expectativa que forçará o espectador a fazer uma ligação direta entre a faca e a pena. Se uma faca mata pessoas no mundo real, uma pena mata pessoas no mundo de um escritor. A ligação de um roteirista com suas personagens pode ser considerada uma loucura pelo senso comum de muitos, mas é de arrepiar para àqueles que a conhecem. É uma “realidade”.

O público será totalmente arrancado da fantasia da cena quando – nos próximos planos – João, em uma sala biblioteca típica de um escritor, falar: *Perfeita! Essa será a minha obra-prima!* É uma quebra de expectativa estratégica e um *turning point*⁴ do roteiro.

Cena 20

A cena é descrita como: João e Aninha estão em frente à câmera super 8mm sobre um tripé. João veste um casaco de terno grande para o seu tamanho. Aninha veste uma roupa de princesa velha e rasgada. parecem reis. **o cachorro vira-lata está deitado no chão e tem um chifre de papel preso no meio da testa por um elástico.** Na nossa realidade, pelo menos até os estudos que nos foram apresentados, não há a existência comprovada de um unicórnio. Uma parte menos fantasiosa na história mostra que João nunca arranjaria um unicórnio de verdade para as filmagens do seu curta-metragem. João usou o cachorro de Aninha para representar o unicórnio descrito no roteiro. Com essa cena percebemos mais um signo:

- **O cachorro com um chifre de papel preso no meio da testa:** é um ícone de unicórnio, uma vez que João sabia que jamais arranjaria um unicórnio real. Na visão infantil e criativa de João - que tentava olhar a situação com os olhos de um cineasta - o unicórnio poderia ser substituído pelo cachorro de Aninha.

CLARICE LISPECTOR E MACHADO DE ASSIS

As escolhas dos dois escritores que estão presentes nas cenas 18, 23 e 24 foram motivadas pela aparência física (como ferramenta que mistura as épocas distintas e da presença da fantasia na cena) e genialidade de Assis, e pela imensa capacidade reflexiva e sensibilidade de Lispector. A fala da escritora (“*João, nunca perca a sua liberdade de escrever*”), inclusive, foi (inspirada) retirada de uma entrevista sua concedida ao programa “Roda Viva”, da Tv Cultura, em 1977.

⁴ É o ponto de virada no roteiro. A partir dele, a narrativa sofrerá uma grande mudança que resultará no clímax.

CONSIDERAÇÕES

O roteiro “Pelos Olhos do Roteirista” é uma fantasia. Uma história de um realismo fantástico. O acontecimento histórico mostrado – de maneira bem sutil e metafórica – é a Ditadura Militar. Apesar de passar por três épocas, a fase do João criança é a principal, e mostra a visão de um garoto sobre os adultos (a avó) em crise por uma tragédia (a tortura militar). Notamos que as cenas do roteirista são metalingüísticas: dentro do próprio filme o espectador poderá ver como pode funcionar a mente de um roteirista (e ou escritor) e a relação que ele pode criar com as suas personagens. O realismo fantástico é perceptível principalmente quando João conversa com um brinquedo – algo típico de muitas crianças com imaginação fértil – e quando João, o roteirista, mata sua heroína principal e pede desculpas por tal ato necessário para um bom desfecho da sua história escrita naquele momento. A semiótica pode ser encontrada inúmeras vezes no roteiro: a metáfora contida na história foi a ferramenta escolhida para um mergulho na fantasia e na mente humana, e distanciamento da violência crua – por muitas vezes já mostradas – dos filmes com uma história ocorrida durante a Ditadura Militar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMAN, Ronald. **Guia do Cinema Ilustrado**. Tradução de Carolina Alfaro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BURNS, Cathy. **Masonic and Occult Illustrated**. EUA: Sharing, 1998.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem secreta do cinema**. Tradução de Fernando Albagli e Benjamin Albagli. – 1.ed. especial. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FIELD, Syd . **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico** / Syd Field. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PEREIRA, José Aroldo. **Curso Básico de teoria da comunicação**. Rio de Janeiro: Quartet, 5ª Ed. 2009. 128 pág.